

MONTHLY HOUSE VIEW

AGOSTO-SETEMBRO DE 2026

Terceiro trimestre
sob vigilância



01	EDITORIAL Terceiro trimestre sob vigilância	P3
02	MACROECONOMIA E ESTRATÉGIA DE INVESTIMENTO Resiliência sob pressão	P4
03	FOCO Economia dos EUA: nem muito quente, nem muito fria	P8
04	PERSPECTIVAS DE MERCADO Surtem algumas oportunidades	P10
05	MONITOR DE MERCADO Visão geral dos mercados selecionados	P12
06	CONHEÇA A EQUIPE	P13
07	GLOSSÁRIO	P14
08	TERMO DE RESPONSABILIDADE	P15



Alexandre
DRABOWICZ, CAIA
Global Chief
Investment Officer

Prezada leitora, prezado leitor,

No Global Outlook 2026, recomendamos aos nossos leitores que se preparassem para surpresas, tanto positivas quanto negativas. Os últimos anos demonstraram que, mesmo em contextos macroeconômicos e geopolíticos complexos, os mercados podem proporcionar ganhos inesperados. Permanecemos convictos de que os investidores devem se concentrar nos fundamentos, manter a disciplina e evitar reações emocionais às notícias. O primeiro semestre de 2026 veio reforçar essa nossa convicção. Nesta edição do terceiro trimestre, analisamos três importantes surpresas e as respectivas implicações para os investidores até o fim deste ano.

O PETRÓLEO SEMPRE ENCONTRA O SEU CAMINHO

Em março, o impasse em relação ao Estreito de Ormuz provocou a maior elevação dos preços do petróleo das últimas décadas, com muitas previsões de preços acima dos 150 dólares por barril. Em junho, porém, assim que foi anunciado um frágil acordo, os preços do petróleo caíram drasticamente, passando de compras em pânico para vendas em pânico. A realidade, contudo, é mais complexa. O petróleo continua a fluir. Alguns navios conseguiram atravessar o Estreito desligando os transponders ou seguindo rotas próximas de Omã. Também foram utilizadas capacidades de transporte adicionais, principalmente oleodutos como o Yanbu (Arábia Saudita) e o Fujairah (Emirados Árabes Unidos). O aumento da oferta com origem nos Emirados Árabes Unidos, subsequente ao abandono da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), e a disponibilidade do Iraque para aumentar as suas exportações deverão contribuir para reduzir o déficit. Em termos de demanda, a significativa redução da demanda por parte da China (apoiada nas suas grandes reservas e em uma clara estratégia de redução da dependência dos combustíveis fósseis) significa que a dinâmica da oferta/demanda não é tão dramática como se temia.

Em resumo, o petróleo não deixou de fluir e continua a encontrar novas rotas. Conforme destacado na nossa edição de março, as infraestruturas associadas a oleodutos/gasodutos estão se convertendo em um ativo geopolítico decisivo, já que reduzem a dependência de pontos de gargalo como o Estreito de Ormuz.

O DILEMA DOS BANCOS CENTRAIS

O acentuado aumento dos preços de energia representou um desafio para os bancos centrais. Será que uma elevação das taxas de referência poderá controlar o impacto do petróleo nos preços? Provavelmente não. Um banco central poderá ganhar credibilidade ao aumentar as taxas de juros para manter a estabilidade dos preços? Certamente,

mas isso cria um dilema. O Banco Central Europeu (BCE) optou por um único aumento das taxas de juros e, em nossa opinião, não serão necessários novos aumentos, ainda que a estabilidade dos preços continue a ser o seu único mandato. No caso do Federal Reserve (Fed), a situação é diferente. Os dados da inflação de junho vieram trazer algum alívio, uma vez que os efeitos secundários dos preços do petróleo têm sido, até o momento, limitados: todos os 67 economistas que participaram da pesquisa da Bloomberg antecipavam uma inflação mais elevada, mas a verdade é que eles se enganaram. Como resultado, o presidente do Fed, Kevin Warsh, pode manter uma postura firme, salientando a “tolerância zero” em relação à inflação elevada, sem ter de aumentar as taxas de juros. É digno de nota que as expectativas de inflação de um ano caíram abaixo dos 2% pela primeira vez durante o mandato Trump 2.0. Embora os mercados antecipem um ou dois aumentos das taxas de juros neste ano, consideramos que o Fed as manterá inalteradas e que o limiar para um novo aperto monetário continua elevado.

SERÁ QUE O OURO PERDEU O BRILHO?

A surpresa mais desagradável deste ano talvez tenha sido a acentuada reviravolta sofrida pelo preço do ouro, que caiu de uma alta de 5.500 dólares para 4.000 dólares registrados no início de julho. Será que o ouro perdeu a atratividade como ativo de diversificação? A resposta é não. A crise no Oriente Médio levou alguns bancos centrais a vender ouro para reconstituir as suas reservas em dólares e, assim, apoiar as suas moedas, como foi o caso da Turquia e da Rússia, que venderam 81 e 34 toneladas, respectivamente. No entanto, uma nova onda de compras está emergindo. Embora os fluxos de capitais para os fundos negociados em bolsa (ETF) de ouro ocidentais tenham sido negativos no primeiro semestre (-7,7 bilhões de dólares), os fluxos para os ETF de ouro asiáticos têm sido robustos (+12 bilhões de dólares). Após reduzir as suas compras de ouro em 2025, devido à alta acentuada dos preços, o Banco Popular da China retomou as compras neste ano, principalmente em junho, o mês com maior volume de compras dos últimos 20 meses. Estimamos que, neste ano, as aquisições da China ultrapassarão as 100 toneladas, o que representa o triplo do volume do ano passado. Essa renovação da demanda deverá constituir um apoio significativo para o mercado do ouro, uma vez que a China se mostra cada vez mais sensível aos preços no contexto da diversificação das suas reservas.

Desejo a você uma leitura agradável e proveitosa desta edição do terceiro trimestre e um bom descanso — enquanto isso, continuaremos vigilantes durante a pausa estival no hemisfério norte.



Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation



Bénédicte KUKLA
Chief Strategist

O cenário macroeconômico permanece sujeito a um grau de incerteza excepcionalmente elevado, embora a primeira onda do choque energético tenha demonstrado que as perturbações na oferta podem ser absorvidas de maneira mais eficaz do que em ciclos anteriores. O crescimento tem se mantido resiliente e, até o momento, a inflação tem reagido rapidamente à queda dos preços do petróleo, corroborando a nossa opinião de que este choque inflacionário será temporário. Ainda assim, persistem riscos de alta da inflação, deixando os bancos centrais em alerta.

CENÁRIO MACROECONÔMICO

VOLATILIDADE NOS MERCADOS DE ENERGIA, MAS A OFERTA ESTÁ SE ADAPTANDO

Apesar das repetidas interrupções nas principais rotas marítimas, o mercado de petróleo se adaptou rapidamente, graças ao redirecionamento das exportações, ao aumento da produção (dos Estados Unidos e dos Emirados Árabes Unidos) e à moderação da demanda. A menor constituição de estoques de petróleo bruto importado pela China, em um momento em que os preços estão elevados, freou o crescimento da demanda global, tornando os preços do petróleo menos sensíveis do que em ciclos anteriores a esse choque na vertente da oferta. Frente ao risco de uma nova escalada generalizada a todo o Oriente Médio, a questão reside em saber se essa redução nas importações de petróleo por parte da China será permanente, principalmente com o aumento da eletrificação.

Embora as incertezas continuem elevadas e as reservas sejam menos volumosas do que no passado, o rápido ajuste da oferta e da demanda nos levou a rever o cenário para o petróleo bruto Brent, recuando para 84 dólares em 2026 e 76 dólares em 2027. As nossas principais preocupações estão voltadas, agora, aos combustíveis refinados, com destaque para o diesel, já que a contração da oferta resultante da menor produção nas refinarias e das restrições à exportação impostas pela Rússia representa um risco em termos de custos para a indústria. Ao mesmo tempo, o gás natural ainda é motivo de grandes incertezas na Europa, com os estoques ao nível de apenas 53% contra a média de 68% nos últimos cinco anos e a crescente disputa com a Ásia pelo gás natural liquefeito (GNL) dos EUA provavelmente mantendo os preços sob pressão.

TENDÊNCIA DE AUMENTO DOS RISCOS INFLACIONÁRIOS A NÍVEL MUNDIAL

Os dados de junho demonstraram a rapidez com que a queda dos preços da energia pode afetar a inflação ao consumidor. Nos EUA, em junho, a inflação caiu para 3,5% no ano a ano (contra 4,2% em maio) enquanto a inflação na zona do euro caía de 3,2% para 2,8%. A inflação subjacente (excluindo os preços dos alimentos e de energia) também ficou abaixo do esperado em ambas as regiões. Se o nosso cenário central para o petróleo se mantiver (sem uma nova e prolongada escalada), a inflação deverá continuar a recuar à medida que se forem dissipando fatores temporários, como o anterior impacto das tarifas alfandegárias na inflação dos EUA (ver a seção “Foco” sobre a economia dos EUA, na página 8). No entanto, subsistem riscos de alta da inflação, especialmente na Europa. Se os preços do gás natural (TTF) se mantivessem nos níveis observados em meados de julho, isso acrescentaria aproximadamente 40 pontos base à nossa atual previsão para a inflação na Europa.

O panorama dos mercados emergentes é igualmente complexo. A inflação perdeu força em grande parte da Ásia, mas continua acima das metas dos bancos centrais na Índia, na Indonésia, nas Filipinas e na Coreia do Sul. Os preços dos produtos alimentícios, que representam a parte mais significativa das despesas das famílias e que tornam essas economias mais vulneráveis aos choques, poderão subir ainda mais se um El Niño mais intenso na segunda metade de 2026 reduzir a produção agrícola, especialmente no Sudeste Asiático, onde o clima mais quente constitui um risco específico. A China é uma exceção. A inflação ao consumidor permanece contida, ainda que os preços ao produtor tenham atingido o nível mais elevado dos



As
**EXPORTAÇÕES
DA COREIA DO
SUL CRESCERAM**
48% no ano a ano
no 1.º semestre de
2026

últimos quatro anos, devido, sobretudo, aos custos com transportes e com energia. Esses preços mais elevados na produção deverão persistir, embora só repercutindo gradualmente no consumo, devido a uma demanda interna moderada. Por outro lado, os esforços do governo para reduzir a excessiva concorrência em termos de preços poderão contribuir para a estabilização dos preços.

CRESCIMENTO AINDA RESILIENTE

A economia mundial suportou esse choque energético melhor do que em ocasiões anteriores. O contínuo investimento em inteligência artificial (IA) também tem apoiado os investimentos das empresas, em particular nos EUA. A zona do euro mostrou-se igualmente mais resiliente, com as vendas a varejo, a construção, os pedidos à indústria alemã e as pesquisas com empresas apresentando resultados surpreendentemente positivos, o que aponta para uma atividade mais robusta no segundo trimestre de 2026, apesar dos custos mais elevados com a energia. Mantemos a nossa previsão de crescimento em 2026 na zona do euro em 0,8% (excluindo o produto interno bruto da Irlanda, que se revelou particularmente volátil nos últimos meses) e revimos para alta a previsão de crescimento para 2027. A despesa orçamentária alemã deverá proporcionar um apoio adicional durante o segundo semestre do ano, enquanto o recente pacote governamental de reformas trabalhistas e previdenciárias reforçou a confiança dos investidores. No curto prazo, porém, o comércio continua a ser o ponto fraco. As exportações chinesas para a Alemanha registraram um aumento de 19% no primeiro semestre de 2026, enquanto as exportações alemãs para a China cresceram apenas 1,8%. No fim do segundo trimestre, o setor industrial

chinês entrou novamente em expansão, apoiado pela contínua robustez das exportações relacionadas com produtos de IA. No primeiro semestre de 2026, as exportações sul-coreanas cresceram 48,4% no ano a ano, devido, principalmente, ao acentuado aumento das exportações de semicondutores para a China. No Japão, a pesquisa Tankan atingiu o seu nível mais elevado dos últimos oito anos, refletindo a resiliência da demanda interna e do turismo, e a crescente capacidade das empresas para repercutir o aumento dos custos nos preços.

OS BANCOS CENTRAIS CONTINUAM ALERTAS

Apesar dos riscos de elevação da inflação, não antecipamos para este ano novos aumentos das taxas de juros, nem por parte do Federal Reserve (Fed) nem do Banco Central Europeu (BCE), dado que continuamos a considerar essa situação de choque significativa, mas, em última análise, temporária. Em relação ao BCE, as condições financeiras na zona do euro endureceram desde a reunião de junho, fazendo com que os formuladores de política monetária mantenham uma postura *hawkish*. Em nosso cenário de base, o BCE manterá inalterada a sua política. Contudo, para que isso se concretize, é necessária uma melhoria da situação no Oriente Médio. Entretanto, frente ao número crescente de empresas que preveem um aumento dos custos de produção, os mercados continuam a prever mais um aumento das taxas de juros por parte do Banco do Japão, embora as taxas de juros reais devam permanecer em terreno negativo.

TABELA 1: PREVISÕES MACROECONÔMICAS 2025-2027, %

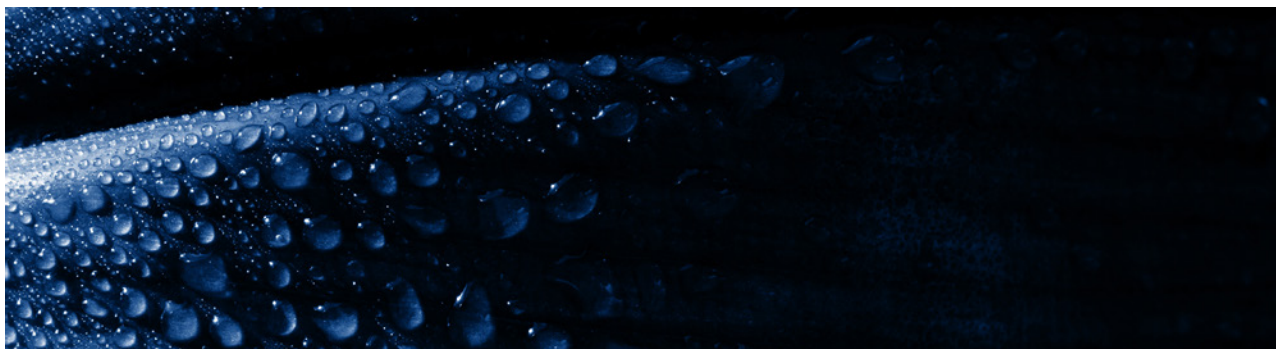
● Previsões em baixa desde a última edição

● Previsões em alta desde a última edição

	PIB %			INFLAÇÃO %		
	2025	2026	2027	2025	2026	2027
EUA	2,2%	2,2%	2,2%	2,7%	3,4%	2,4%
Zona do euro	1,6%	0,8% ¹	1,2%	2,1%	2,9%	2,1%
China	4,9%	4,6%	4,3%	0,2%	0,8%	1,3%
Japão	1,2%	0,5%	1,0%	3,2%	2,0%	2,3%

Fonte: Indosuez Wealth Management.

¹ O PIB da zona do euro é apresentado excluindo a Irlanda para 2026, devido ao adiantamento motivado por tarifas em 2025, que afetou as exportações de patentes e produtos farmacêuticos para os EUA. Isto retirou 0,3 pontos percentuais ao PIB da zona do euro no primeiro trimestre, e prevê-se que a volatilidade continue nos meses seguintes. Para referência, o nosso cenário para 2026 incluindo a Irlanda é de 0,6% (face a 0,4% na nossa última edição mensal).



Adrien ROURE
Multi-Asset Portfolio Manager

CONVICÇÕES DE ALOCAÇÃO

Apesar da progressiva normalização das tensões geopolíticas durante o último trimestre, o clima de incerteza é, mais uma vez, alimentado por acontecimentos recentes, mantendo as taxas de juros sob pressão e favorecendo o retorno da volatilidade aos mercados de ações. Nesse contexto conturbado, os fundamentos macroeconômicos refletem a resiliência das economias envolvidas, enquanto a robustez do ciclo de investimento associado à inteligência artificial (IA) continua a apoiar os mercados de ações.

AÇÕES

Desde o início do ano, os mercados de ações dos Estados Unidos têm registrado ganhos significativos, impulsionados, principalmente, pelo setor tecnológico e pelo segmento de semicondutores. Essa dinâmica ilustra a solidez do ciclo de investimento associado à IA e a persistência das restrições da oferta em determinados segmentos estratégicos. Embora esses fatores sustentem perspectivas de resultados sólidas, a amplitude da recuperação e a concentração dos desempenhos exigem uma gestão criteriosa e disciplinada, uma vez que algumas cotações já refletem um acentuado otimismo. A baixa liquidez do período estival (no hemisfério Norte), as tensões geopolíticas no Oriente Médio e as incertezas em torno da monetização da IA representam riscos de consolidação no curto prazo, que, em nossa opinião, poderão oferecer pontos de entrada atrativos.

Nesse contexto, a temporada de divulgação de resultados deverá ser decisiva e poderá agir como um catalisador para uma nova fase de alta, com o quadro macroeconômico se mantendo favorável, em termos gerais. Portanto, frente à solidez dos fundamentos e às perspectivas de crescimento dos lucros, mantemos uma visão positiva em relação às ações dos EUA e aos temas relacionados com a IA, ao mesmo tempo que privilegiamos uma ampla diversificação, sobretudo por meio de pequenas e médias capitalizações. Estas últimas, recentemente afetadas pela elevação das taxas de juros reais, deverão se beneficiar de uma economia resiliente e de potenciais medidas de estímulo às vésperas das eleições de meio de mandato.

A concentração dos desempenhos também é evidente nos mercados emergentes, com a Coreia do Sul e Taiwan se destacando como os principais beneficiários asiáticos do ciclo de semicondutores. No entanto, essa estratégia de posicionamento dos investidores, agora altamente direcionada, aliada ao maior uso de alavancagem, exige prudência no curto prazo. Além disso, a valorização do dólar e os riscos climáticos associados ao fenômeno El Niño (principalmente a inflação dos preços dos alimentos e as perturbações nas cadeias de abastecimento no Sudeste Asiático) poderão acentuar a dispersão dos desempenhos entre os vários países. Ainda assim, os mercados emergentes mantêm fundamentos sólidos e qualquer correção poderá representar uma oportunidade de entrada interessante para os investidores de médio prazo. Por último, algumas empresas asiáticas do setor de tecnologia, principalmente chinesas, também representam fatores de crescimento no universo dos mercados emergentes.

Mantemos uma postura mais prudente em relação aos mercados de ações europeus, que são afetados por uma atividade econômica fraca e heterogênea, pela persistente dependência energética em relação aos fluxos do Golfo e pela possibilidade de renovados riscos políticos na segunda metade do ano. Contudo, mantemos uma perspectiva positiva em relação a determinados temas, como a autonomia estratégica (defesa e segurança das cadeias de suprimentos), e às ações subvalorizadas e ao setor bancário, já que este último se beneficia de um ambiente duradouro de taxas de juros elevadas, da recuperação do ciclo de fusões e aquisições e de retornos atrativos.

RENDA FIXA E MERCADOS DE CRÉDITO

Os mercados de títulos continuam a ser influenciados pela evolução da inflação e pela orientação das políticas monetárias e orçamentárias. Nesse contexto, o nosso posicionamento prudente, caracterizado por uma subponderação da sensibilidade às taxas de juros, continua a parecer adequado. No entanto, o recente aumento das taxas de juros, resultante de um reajuste



A ELEVÇÃO DAS
TAXAS DE JUROS
cria OPORTUNI-
DADES táticas

das antecipações relativas às taxas de referência, poderá criar oportunidades táticas para reforçar as nossas posições.

Continuamos, assim, a privilegiar o segmento de curto prazo da curva de rendimentos da zona do euro, enquanto o segmento de longo prazo se mantém mais volátil e mais exposto às incertezas em torno das políticas orçamentárias e dos contextos políticos até o fim do ano. Quanto aos EUA, mantemos o posicionamento inalterado. No entanto, o elevado nível das taxas de juros reais, próximo das máximas dos últimos 20 anos, começa a tornar atrativos os títulos do Tesouro. Ao mesmo tempo, cabe notar que a solidez do ciclo de investimento, impulsionado pelo advento da IA, poderá sustentar uma tendência ascendente das taxas de juros reais.

Além disso, mantemos uma perspectiva positiva em relação ao crédito de elevada qualidade da zona do euro. Apesar do estreitamento dos *spreads*, as taxas de retorno absolutas continuam a ser atrativas, apoiadas em fundamentos sólidos e na persistente demanda por parte de investidores que visam o retorno. Por outro lado, mantemos uma postura mais cautelosa em relação ao crédito dos EUA, onde o aumento das emissões, sobretudo por parte dos *hyperscalers*, exige prudência.

Por fim, mantemos uma perspectiva positiva em relação à dívida dos mercados emergentes em moeda local, que proporciona um potencial de diversificação atrativo graças às elevadas taxas de juros reais e a um ambiente macroeconômico mais estável.

FOREX

Mantemos uma atitude prudente frente ao dólar norte-americano. A recente valorização da moeda reflete tanto a sua posição de porto seguro, como o reajuste das expectativas em relação à política monetária dos EUA e a recuperação da imagem de credibilidade do Federal Reserve (Fed). De qualquer modo, esse fortalecimento não lança dúvidas sobre as nossas perspectivas de médio prazo. À medida que a inflação nos EUA recuar e os mercados anteciparem uma trajetória monetária menos restritiva, o dólar poderá enfrentar crescentes dificuldades. Por fim, a gradual diversificação das reservas cambiais e os investimentos internacionais em ativos não denominados em dólares continuam a ser, em nossa opinião, um fator estrutural de vulnerabilidade para a moeda dos EUA.

Continuamos otimistas em relação ao ouro. O metal amarelo tem sido, recentemente, penalizado pela recuperação do dólar e pela correção das expectativas em relação às taxas de juros dos EUA. Contudo, esses aspectos de curto prazo não comprometem a solidez dos seus fatores fundamentais. O ouro continua a ser apoiado pela diversificação das reservas dos bancos centrais, por tensões geopolíticas persistentes e pelo elevado nível da dívida pública das economias desenvolvidas. A retomada das compras por parte da China também reforça essa tendência subjacente, proporcionando um apoio concreto à demanda e contribuindo para manter os preços em níveis elevados de forma duradoura.

CONVICÇÕES FUNDAMENTAIS – POSIÇÃO TÁTICA

● 16.07.2026

	-	-/=	=	+/=	+
AÇÕES					
Europa		●			
Estados Unidos				●	
Japão		●			
Mercados emergentes				●	
PREFERÊNCIAS DE ESTILO					
Pequenas capitalizações Estados Unidos				●	
Value Europa				●	
OBRIGAÇÕES					
Títulos financeiros (EUR)	●	●			
Investment grade (EUR)				●	
High yield (EUR)			●		
Títulos financeiros (USD)		●			
Investment grade (USD)			●		
High yield (USD)			●		
Mercados emergentes (moedas locais)					●
USD VS. EUR	●				
YEN				●	
OURO					●

Fonte: Indosuez Wealth Management.

Economia dos EUA: nem muito quente, nem muito fria



Lucas MERIC
Cross Asset Strategist

Comparar um cenário macroeconômico com as expectativas dos investidores é, muitas vezes, semelhante a um jogo do gato e do rato. No fim de 2025, as preocupações em relação ao emprego justificaram os cortes das taxas de referência. Hoje, a normalização do mercado de trabalho e as pressões inflacionárias, ainda que essencialmente temporárias, levam os mercados a prever aumentos das taxas de juros. No entanto, não acreditamos que a economia dos Estados Unidos esteja entrando em uma fase de reaceleração, antes devendo se manter “nem muito quente, nem muito fria”.

A ECONOMIA ESTÁ DANDO SINAIS DE REACELERAÇÃO

No início do ano, os investidores temiam uma desaceleração acentuada da economia dos EUA e, particularmente, do mercado de trabalho, o que justificava as expectativas de cerca de três cortes nas taxas de referência até o fim de 2026 (gráfico 1, página 9). Na ocasião, estávamos céticos em relação a essas preocupações e prevíamos uma melhoria da dinâmica de contratações ao longo de 2026. Desde então, a economia tem se fortalecido consideravelmente, mas é importante notar que essa melhoria também foi impulsionada por fatores temporários. Os reembolsos fiscais apoiaram o consumo no primeiro semestre e as empresas aumentaram os seus pedidos em antecipação de perturbações relacionadas ao conflito no Oriente Médio, e o “efeito do Mundial” estimulou o consumo e o emprego nas cidades anfitriãs norte-americanas. Além disso, prevê-se que a desaceleração dos salários reais, induzida pelo aumento dos preços da energia, afete o consumo, enquanto as taxas de juros de longo prazo mais elevadas deverão afetar a situação financeira das empresas e, conseqüentemente, a atividade econômica. Essa leve desaceleração, porém, deverá ser temporária, em um quadro de economia ainda robusta, apoiada pelo consumo das famílias de renda elevada e pelos investimentos em inteligência artificial (IA). No mercado de trabalho, as pesquisas apontavam para uma recuperação das intenções de contratação, antecipando, assim, a recente recuperação da criação de empregos, mas, desde então, essas intenções caíram de forma acentuada, sugerindo uma desaceleração ao longo dos próximos meses da dinâmica positiva recentemente observada.

A INFLAÇÃO ESTÁ DIVERGINDO DA META

Impulsionada pelo conflito no Oriente Médio e pela subida dos preços da energia, a inflação poderá voltar a acelerar em julho. No entanto, se o nosso cenário para o petróleo se confirmar e os fluxos de petróleo se normalizarem, é provável que a inflação global se aproxime do seu pico e que o processo de desinflação retome em 2027. No entanto, a inflação subjacente continua resistente, impulsionada também por fatores considerados temporários: (i) o aumento das tarifas em 2025, que, segundo um recente estudo do Federal Reserve (Fed), se traduziu em um aumento de 80 pontos base da inflação, efeito este que se deverá dissipar durante o segundo semestre de 2026; (ii) as perturbações no Estreito de Ormuz, que deverão exercer efeitos de segunda ordem sobre setores estreitamente ligados à energia, como os transportes e aqueles dependentes das exportações de produtos químicos do Golfo, efeitos esses que também se deverão dissipar com a normalização dos fluxos no Estreito; e (iii) os aumentos de preços relacionados ao ciclo de investimento maciço em IA, notavelmente em *chips* de memória e em *software*, que têm contribuído para a acentuada persistência da inflação subjacente medida pelo índice de preços das despesas de consumo pessoal (PCE) nos últimos meses.

Algumas dessas pressões, principalmente as relacionadas com a IA, poderão persistir no médio prazo, ou seja, não antecipamos necessariamente que a inflação subjacente dos EUA retorne em breve à meta dos 2%, embora a inflação cheia deva se aproximar dos 2% em 2027, devido à desinflação no setor de energia.

O RISCO DE UMA NOVA ACELERAÇÃO DA INFLAÇÃO

Frente ao nosso cenário de base “nem muito quente, nem muito frio”, uma nova aceleração da inflação ainda constitui um risco significativo, e estamos acompanhando três questões fundamentais para avaliar esse risco. 1) Existem tensões no mercado de trabalho que justifiquem o risco de aumentos salariais? Ao contrário do que aconteceu em 2022, o mercado de trabalho oferece atualmente aos trabalhadores um poder de negociação muito limitado, o que restringe os riscos de aumento dos salários, sendo os custos unitários do trabalho atualmente compatíveis com a inflação subjacente de 2%. 2) As expectativas de inflação estão desancoradas? As expectativas de longo prazo permanecem ancoradas entre os consumidores e diminuíram significativamente nos mercados financeiros na sequência da redução dos preços do petróleo desde junho. 3) A alta da inflação é generalizada a todos os componentes? Não. Atualmente, está limitada ao setor de energia e a alguns componentes muito específicos, como equipamentos, *software* e serviços financeiros.

O contexto mostra-se menos inflacionário do que poderia parecer, mas continuamos a acompanhar a evolução desses fatores e nos mantemos atentos a

novas tensões no Oriente Médio ou a quaisquer anúncios, por parte de Donald Trump, de medidas de estímulo orçamentário antes das eleições de meio de mandato, o que poderia aumentar o risco de uma nova aceleração da inflação.

IMPLICAÇÕES PARA OS MERCADOS

Atualmente, os dados de alta frequência continuam a refletir uma economia particularmente robusta nos EUA, embora persistam algumas incertezas envolvendo determinados riscos geopolíticos e orçamentários. Isso poderá justificar alguma prudência, considerando o risco de que os mercados possam, em uma primeira fase, extrapolar as recentes dinâmicas geopolíticas. A confirmação do nosso cenário de base de uma economia “nem muito quente, nem muito fria”, em que a próxima medida do Fed seria um corte em 2027 (com uma taxa terminal de 3,5%), poderia abrir caminho a uma evolução “Cachinhos Dourados²” nos próximos meses, situação potencialmente favorável para os ativos de risco e para os títulos, oferecendo oportunidades de obtenção de rendimento. Poderia também justificar uma inversão de certas dinâmicas recentes dos mercados, principalmente em relação ao dólar e ao ouro.



3,5%: recuo inesperado da inflação dos EUA, em junho

GRÁFICO 1: VOLATILIDADE PERSISTENTE DAS EXPECTATIVAS DOS INVESTIDORES EM RELAÇÃO AO FED



Fontes: Macrobond, Indosuez Wealth Management.

² Situação ideal em que a economia está em perfeito equilíbrio.

Surgem algumas oportunidades



Alexandre GAUTHY

Senior Cross-Assets Manager /
Market Forex Strategist

Após um período de euforia, os preços do ouro sofreram uma queda significativa em relação às máximas, oferecendo um bom ponto de entrada para os investidores de longo prazo. De modo geral, continuamos prudentes em relação ao dólar e revimos a nossa previsão para o fim do ano de 1,23 para 1,20. Acreditamos que o iene está significativamente subvalorizado e que o dólar australiano se beneficia de fundamentos sólidos, exibindo o melhor perfil de risco-retorno dos mercados cambiais.



Maxime ROUBAUD

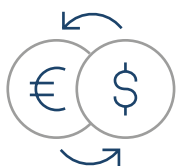
Investment Analyst

O aumento acentuado dos preços do ouro no fim do ano passado tornou esse metal precioso vulnerável à tomada de lucro. A correção dos preços registrada desde então tem sido impulsionada por uma mudança no sentimento dos mercados, com os investidores de varejo ocidentais afastando-se do ouro. Alguns bancos centrais (notavelmente o da Turquia) também se viram obrigados a vender parte das suas reservas de ouro para defender a moeda nacional frente à guerra no Irã e ao consequente aumento dos preços do petróleo. Considerando que o preço está em cerca de 4.000 dólares por onça, acreditamos que o movimento de liquidações do ouro já ficou, em grande parte, para trás. Mais importante ainda, os fatores estruturais subjacentes à tendência de alta do ouro não se alteraram. A tentativa de minar a independência do Federal Reserve (Fed), a fragmentação geopolítica, a diversificação dos ativos dos bancos centrais para fora do dólar norte-americano e os elevados níveis de dívida pública dos países desenvolvidos são outros fatores que favorecem o ouro. O forte interesse por parte de bancos centrais de todo o mundo veio para ficar. Um número recorde de bancos centrais pretende aumentar o peso do ouro nas suas carteiras nos próximos anos. À medida que o preço do ouro recuava, o Banco Popular da China intensificou as suas compras.

Menosprezado pelos mercados, o iene está atualmente sendo negociado a um nível de subvalorização raramente observado. As estratégias de *carry trade* são responsáveis pela desvalorização do iene, dado que os investidores contraem empréstimos em moedas com baixos custos de financiamento, como o iene, para investir em ativos com retornos mais elevados. Como resultado disso, o iene é atualmente objeto de volumosas vendas a descoberto. Uma elevação das taxas de juros de curto prazo no Japão tornaria as estratégias de *carry trade* menos atrativas e poderia provocar oscilações bruscas no valor da moeda. Embora isso ainda

não tenha acontecido, já estão reunidos todos os fatores para a valorização do iene. Em primeiro lugar, o iene está extremamente barato. Em segundo lugar, o Banco do Japão retomou o seu ciclo de aumento das taxas de referência. Consideramos que haverá mais aumentos das taxas de referência, porque a economia exibe um bom desempenho, o mercado de trabalho continua registrando escassez de mão de obra e a inflação deverá ficar acima da meta nos próximos meses. Em terceiro lugar, à medida que as taxas de juros de longo prazo do Japão se tornarem mais atrativas, os investidores japoneses poderão considerar a possibilidade de redirecionar os seus capitais para o mercado doméstico, o que levaria a uma valorização do iene. Considerando todos esses fatores favoráveis, é intrigante que o iene continue pouco procurado pelos investidores. Portanto, temos relativamente pouca convicção na nossa perspectiva positiva para o iene.

Recentemente, ajustamos a nossa perspectiva cautelosa em relação ao dólar frente ao euro e revimos a nossa previsão para o fim do ano de 1,23 para 1,20 para o par EUR/USD. Sinais positivos da economia dos EUA impulsionaram a valorização do dólar. De fato, a economia dos EUA atravessa uma fase de recuperação cíclica. Os dados mais recentes do setor industrial têm sido animadores e o mercado de trabalho tem dado sinais de estabilização nos últimos meses. Ainda, as primeiras declarações do novo presidente do Fed tiveram um efeito positivo no dólar. Kevin Warsh causou uma boa surpresa ao reafirmar com veemência o mandato do Fed em matéria de estabilidade de preços, dissipando alguns receios dos mercados de que ele pudesse dar menos importância à inflação. Ainda assim, mantemos uma perspectiva prudente em relação ao dólar frente ao euro, pois acreditamos que a próxima medida do Fed será um corte das taxas de juros em 2027. Os mercados, por sua vez, já consideraram um aumento de 25 pontos base até o fim do ano e uma elevada probabilidade de



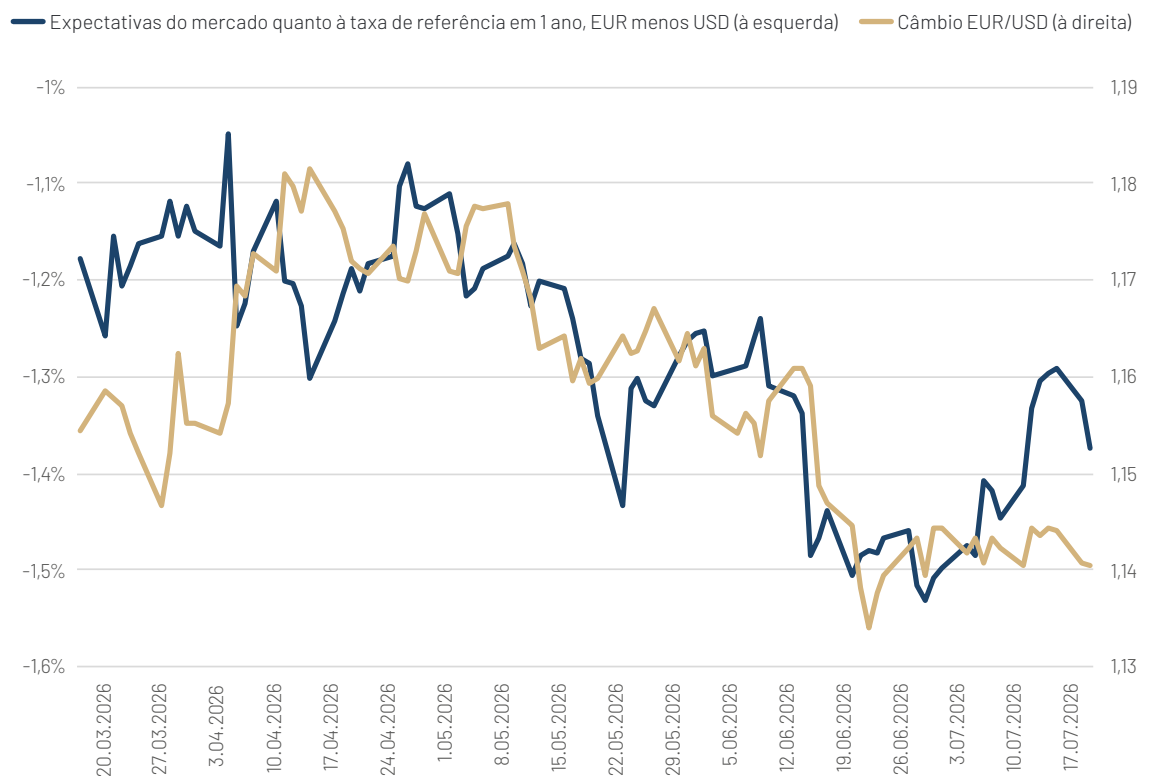
Meta de fim de ano
para o par
EUR/USD
1,20

novas altas em 2027. Se os mercados convergirem para as nossas previsões mais moderadas em relação ao Fed, é provável que a recente valorização do dólar sofra uma inversão (gráfico 2). Além disso, as perspectivas econômicas na zona do euro estabilizaram.

O atual ciclo de despesas de capital (CapEx) que atravessamos constitui um óbvio fator determinante do preço dos metais industriais, e a economia da Austrália depende, em larga medida, desse ciclo. Consideramos muito provável que esse ciclo de investimento prosiga, não apenas nos EUA, mas em todo o mundo e, em particular, na China. As importações chinesas voltaram a acelerar desde o início do ano, o que é um bom sinal para o preço dos metais industriais. Essa evolução deverá, por sua vez, conduzir a uma nova valorização do dólar australiano.

Por fim, acreditamos que o franco suíço continuará a evoluir em um intervalo estreito frente ao euro, uma vez que existem fortes fatores atuando em sentidos opostos sobre a moeda.

GRÁFICO 2: O PAR EUR/USD ACOMPANHA OS DIFERENCIAIS DAS TAXAS DE JUROS



Fontes: LSEG, Indosuez Wealth Management.

Visão geral dos mercados selecionados

DADOS A 23.07.2026

TÍTULOS DA DÍVIDA PÚBLICA	RENDIMENTO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS (PB)	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL (PB)
Títulos do Tesouro dos EUA de 10 anos	4,65%	26,23	48,75
França 10 anos	3,97%	34,10	40,70
Alemanha 10 anos	3,17%	30,60	31,60
Espanha 10 anos	3,63%	29,30	34,40
Suíça 10 anos	0,48%	18,40	15,50
Japão 10 anos	2,75%	8,70	69,00

TÍTULOS	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Títulos da Dívida Pública de Mercados Emergentes (ME)	42,23	0,09%	1,59%
Títulos da Dívida Pública em EUR	213,24	-1,16%	-0,31%
High yield em EUR Corporativo	246,22	0,08%	1,65%
High yield em USD Corporativo	400,46	0,07%	1,77%
Títulos da Dívida Pública dos EUA	335,36	-0,43%	-0,20%
ME Corporativos	45,29	-0,86%	-1,26%

MOEDAS	ÚLTIMO SPOT	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
EUR/CHF	0,9294	0,74%	-0,14%
GBP/USD	1,3375	1,57%	-0,74%
USD/CHF	0,8144	0,27%	2,75%
EUR/USD	1,1412	0,48%	-2,84%
USD/JPY	163,15	0,85%	4,11%

ÍNDICE DE VOLATILIDADE	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
VIX	16,64	-1,99	1,69

ÍNDICES DE AÇÕES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
S&P 500 (EU)	7.498,96	1,91%	9,55%
FTSE 100 (Reino Unido)	10.716,97	2,44%	7,91%
STOXX Europe 600	646,93	1,85%	9,24%
Topix	4.033,13	1,75%	18,31%
MSCI World	4.836,91	1,96%	9,18%
Shanghai SE Composite	4.717,24	-4,57%	1,89%
MSCI Emerging Markets	1.654,48	-4,38%	17,81%
MSCI Latam (América Latina)	3.089,72	6,70%	14,04%
MSCI EMEA (Europa, Oriente Médio, África)	261,52	0,50%	0,89%
MSCI Asia Ex Japan	1.094,06	-4,91%	19,78%
CAC 40 (França)	8.437,89	0,62%	3,54%
DAX (Alemanha)	25.155,41	1,68%	2,72%
MIB (Itália)	52.792,04	2,23%	17,46%
IBEX (Espanha)	19.571,30	0,94%	13,08%
SMI (Suíça)	14.315,88	1,40%	7,90%

COMMODITIES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Barra de Aço (CNY/Tm)	3.058,00	-3,11%	-1,51%
Ouro (USD/Onça)	4.130,25	3,27%	-4,38%
Petróleo bruto WTI (USD/Barril)	86,83	23,44%	51,22%
Prata (USD/Onça)	60,02	3,33%	-14,99%
Cobre (USD/Tm)	13.808,00	5,51%	11,15%
Gás natural (USD/MMBtu)	2,93	-9,19%	-20,65%

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

RETORNOS MENSAIS SOBRE INVESTIMENTO, EXCLUÍDO DIVIDENDOS

● FTSE 100 ● Topix ● MSCI World ● MSCI EMEA ● MSCI Emerging Markets
● STOXX 600 ● S&P 500 ● Shanghai SE Composite ● MSCI Latam ● MSCI Asia Ex Japan

ABRIL 2026	MAIO 2026	JUNHO 2026	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ACUMULADO ANUAL (23.07.2026)
16,19%	11,04%	2,51%	6,70%	19,78%
14,53%	9,50%	1,78%	2,44%	18,31%
10,42%	6,17%	0,95%	1,96%	17,81%
9,45%	5,15%	0,84%	1,91%	14,04%
8,03%	4,37%	-0,80%	1,85%	9,55%
6,56%	2,41%	-1,06%	1,75%	9,24%
4,83%	1,76%	-1,54%	0,50%	9,18%
3,36%	0,98%	-1,67%	-4,38%	7,91%
2,82%	0,29%	-2,68%	-4,57%	1,89%
1,99%	-4,67%	-3,29%	-4,91%	0,89%

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

MELHOR
DESEMPENHO



PIOR
DESEMPENHO



Conheça a equipe editorial internacional da Indosuez Wealth Management, dedicada a transmitir com precisão e eficácia as estratégias de investimento elaboradas pelos nossos especialistas em todo o mundo, com o objetivo de garantir aos nossos clientes um serviço de excelência.

**Delphine
DI PIZIO TIGER**
Deputy Global Head of
Investment Management

**Alexandre
DRABOWICZ, CAIA**
Global Chief
Investment Officer

**Jérôme
VAN DER BRUGGEN**
Chief Market Strategist

Bénédicte KUKLA
Chief Strategist

Lucas MERIC
Cross Asset Strategist

Francis TAN
Chief Strategist Asia

Alexandre GAUTHY
Senior Cross-Assets Manager /
Market Forex Strategist

Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation

Jean-Marc TURIN, CFA
Head of Patrimonial Funds

Adrien ROURE
Multi-Asset Portfolio Manager

Mafalda DOS SANTOS
Global Head of
Content Marketing

Blockchain: Tecnologia de armazenamento e transmissão de informação, sob a forma de uma base de dados que tem a particularidade de ser partilhada simultaneamente com todos os seus utilizadores, e que geralmente não depende de nenhum órgão central.

BLS: Bureau of Labor Statistics.

Bottom-up (em inglês, cujo significado é "ascendente"): Análises, ou estratégias de investimento, que se concentram em especificidades e contas corporativas individuais, em oposição à análise *top-down* (descendente) que se concentra em agregados macroeconómicos.

Brent: Um tipo de petróleo bruto doce, frequentemente usado como referência para o preço do petróleo bruto na Europa.

Cíclico: Cíclico é um estilo que se refere a empresas dependentes das mudanças na economia de forma geral. Essas ações representam empresas cujos lucros estarão mais altos quando a economia estiver prosperando.

Defensivo: Defensivo é um estilo que se refere a empresas mais ou menos imunes às alterações das condições económicas.

Deflação: A deflação é o oposto da inflação. Ao contrário desta, a deflação se caracteriza por uma queda duradoura e autossustentável do nível geral de preços.

Duração: Reflete a sensibilidade de um título ou fundo de títulos a alterações nas taxas de juro; expressa em anos. Quanto maior a duração de um título, mais seu preço é sensível a quaisquer alterações nas taxas de juro.

EBIT (Earnings Before Interets and Taxes): Refere-se aos lucros gerados antes de quaisquer juros financeiros e impostos serem levados em conta. Pega os lucros e subtrai as despesas operacionais e, portanto, também corresponde a "lucro operacional".

EBITDA (Earnings Before Interests, Taxes, Depreciation and Amortisation): O EBITDA leva em conta o lucro líquido e acrescenta juros, impostos e depreciação. Ele é usado para medir a lucratividade operacional de uma empresa antes de despesas não operacionais e encargos não monetários.

ESG: Ambiental, social e governamental.

Estagflação: Se refere a uma economia que passa simultaneamente por um aumento da inflação e uma estagnação na produção económica.

FDIC: A Federal Deposit Insurance Corporation (Corporação Federal de Seguro de Depósitos) é uma agência governamental independente dos EUA que assegura os depósitos de pessoas físicas em bancos e outras instituições financeiras até 250.000 dólares em caso de falência.

Fed: Reserva Federal dos EUA, ou seja, o banco central dos Estados Unidos.

FMI: O Fundo Monetário Internacional.

FOMC (Federal Open Market Committee): É o órgão de política monetária do Federal Reserve dos EUA.

Growth: Estilo *Growth* refere-se a empresas com expectativas de crescimento de vendas e de resultados a um ritmo mais acelerado do que a média de mercado. Dessa forma, ações *Growth* geralmente se caracterizam por uma valorização mais alta do que a do conjunto do mercado.

Índice de surpresas económicas: Especifica o nível de desempenho superior dos dados macroeconómicos publicados em relação às expectativas dos previsores (consenso).

Índice dos gerentes de compras: PMI - Purchasing Manager Index em Inglês.

IPC (índice de preços ao consumidor): Permite estimar, entre dois dados períodos, a variação do preço médio dos bens e serviços consumidos pelas famílias. É usado como medida de inflação.

IPCC: Sigla em inglês para Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas.

ISM: Sigla para Institute for Supply Management (Instituto de Gestão de Suprimentos, em português).

Lei GENIUS: Acrônimo de *Guiding and Establishing National Innovation for US Stablecoins*, é uma lei federal dos Estados Unidos, aprovada em julho de 2025, que cria um quadro regulamentar para as *stablecoins*, criptomoedas cujo valor é apoiado por uma moeda fiduciária como o dólar americano.

LPA (Earnings per share): Lucro por ação.

Nearshoring: A OCDE define regionalização ou *nearshoring* como a decisão de relocar atividades anteriormente deslocalizadas, não necessariamente no país de origem da empresa, mas num país geograficamente próximo.

OCDE: Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico.

"One Beautiful Big Act" (em português Grande e Bela Lei): É o nome dado a um amplo projeto de lei de reconciliação orçamentária aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos e sancionado pelo presidente Trump em 4 de julho de 2025. Trata-se de uma legislação abrangente e complexa que inclui diversas disposições que afetam vários aspectos da vida americana, como impostos, saúde, política energética e muito mais.

OMC: Organização Mundial do Comércio.

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo; 14 membros.

OPEP+: OPEP mais 10 países adicionais, a saber, Rússia, México e Cazaquistão.

PIB (produto interno bruto): O PIB mede a produção anual de bens e serviços de um país pelos operadores que residem no território nacional.

Ponto base (pb): 1 ponto base = 0,01%.

Ponto de equilíbrio da inflação (ou "inflation breakeven" em inglês): Nível de inflação que equilibra os rendimentos de títulos nominais e títulos indexados à inflação (de vencimento e qualidade idênticas). Em outras palavras, é o nível de inflação no qual, para um investidor, tanto faz possuir um título nominal como um título indexado à inflação. Assim, representa as expectativas de inflação, em uma área geográfica, para um determinado prazo de vencimento.

Poder de precificação: Expressão que designa a capacidade, de uma empresa ou marca, para aumentar seus preços, sem que isso afete a demanda por seus produtos.

Qualidade: Ações de Qualidade referem-se a empresas com lucros mais altos e mais confiáveis, endividamento baixo e outras medidas de rendimentos estáveis e de forte governança. Características comuns das ações de Qualidade são o alto retorno ao patrimônio líquido, a variabilidade da dívida em relação ao patrimônio líquido e a variabilidade dos rendimentos.

Quantitative easing (QE): Um instrumento de política monetária pelo qual o banco central adquire ativos como títulos, a fim de injetar liquidez na economia.

Ratings: Os ratings dos títulos variam geralmente entre AAA (qualidade mais elevada) e C (qualidade mais baixa), por ordem decrescente: AAA - AA - A - BBB - BB - B - CCC - CC - C.

SAFE ("Security Action For Europe"): programa europeu de 150 trilhões de euros destinado a facilitar a aquisição conjunta de armas pelos Estados-Membros da UE. Faz parte de um plano mais amplo de rearmamento do continente apresentado pela Comissão Europeia e que tem por objetivo mobilizar até 800 trilhões de euros.

SEC (Securities and Exchange Commission): A SEC é uma agência federal independente com responsabilidade pelo funcionamento ordenado dos mercados de valores mobiliários dos EUA.

Spread (ou spread de crédito): Um *spread* é a diferença entre dois ativos, tipicamente entre taxas de juro, como aquelas de títulos corporativos sobre um título do governo.

SRI: Investimentos Sustentáveis e Responsáveis.

Taxa de swap a termo de cinco anos sobre cinco anos: Métrica de mercado que mede a expectativa de inflação anual média num período de cinco anos a partir de cinco anos no futuro. Dá uma ideia de como as expectativas de inflação podem mudar no futuro.

Títulos de alto rendimento: Os títulos de alto rendimento (*high yield*) têm uma qualidade inferior à dos títulos de *investment grade*, mas, tal como esses últimos, são, na sua maior parte, objeto de rating por uma agência especializada.

Value: Estilo *Value* refere-se a empresas que parecem ser negociadas a um preço mais baixo em relação a seus fundamentos. Características comuns das ações *Value* incluem alto rendimento de dividendos, relação baixa de preço sobre o valor patrimonial e relação baixa de preço sobre lucro.

VIX: O índice da volatilidade implícita do índice S&P 500. Mede as expectativas dos operadores de bolsa de 30 dias de volatilidade, com base em opções de índice.

Este documento intitulado "Monthly House View" (a "brochura") é publicada apenas para fins de comunicação de marketing.

Os idiomas em que é redigida fazem parte dos idiomas de trabalho da Indosuez Wealth Management.

As informações publicadas nesta brochura não foram revisadas, nem estão sujeitas à aprovação ou autorização de qualquer autoridade reguladora ou de mercado, em qualquer jurisdição.

A brochura não é destinada a pessoas de nenhum país em particular.

A brochura não se destina a pessoas que são cidadãos, domiciliadas ou residentes em um país ou jurisdição onde sua distribuição, publicação, disponibilidade ou uso possam violar as leis ou regulamentos em vigor.

Este documento não constitui ou contém uma oferta ou convite para comprar ou vender qualquer instrumento financeiro e/ou serviço de qualquer natureza. Da mesma forma, ele não constitui, de forma alguma, uma estratégia, recomendação ou assessoria de investimento ou desinvestimento, geral ou personalizada, assessoria jurídica ou fiscal, assessoria de auditoria ou qualquer outra assessoria de natureza profissional. Nenhuma representação é feita quanto à adequação ou adequabilidade de qualquer investimento ou estratégia em relação a circunstâncias individuais, ou de que qualquer investimento ou estratégia constitui assessoria de investimento personalizada para qualquer investidor.

A data relevante neste documento é, salvo indicação em contrário, a data de edição mencionada na última página deste termo. As informações nele contidas são baseadas em fontes consideradas fidedignas. Envidaremos todos os esforços para garantir a pontualidade, precisão e abrangência das informações contidas neste documento. Todas as informações, bem como o preço, as avaliações de mercado e os cálculos aqui indicados estão sujeitos a alteração sem aviso prévio. Os preços e desempenhos passados não são necessariamente um guia para os preços e desempenhos futuros.

Os riscos incluem, entre outros, riscos políticos, riscos de crédito, riscos cambiais, riscos econômicos e riscos de mercado. Antes de realizar qualquer transação, deve consultar seu consultor de investimento e, quando necessário, obter assessoria profissional independente relativamente aos riscos, bem como a todas as consequências jurídicas, regulamentares, de crédito, tributárias e contábeis. É aconselhável entrar em contato com seus consultores usuais para tomar suas decisões de forma independente considerando sua situação financeira particular e seu conhecimento e experiência.

As taxas de câmbio em moeda estrangeira podem afetar adversamente o valor, preço ou receita do investimento, quando este é realizado e convertido de volta para a moeda base do investidor.

CA Indosuez, sociedade francesa, holding do negócio de gestão de fortunas do grupo Crédit Agricole e suas subsidiárias ou entidades relacionadas, nomeadamente CA Indosuez (Switzerland) SA, CA Indosuez Wealth (Europe), CFM Indosuez Wealth, suas respectivas subsidiárias, filiais e escritórios de representação, onde quer que estejam, operam sob a marca única da Indosuez Wealth Management. Cada uma das subsidiárias, suas próprias subsidiárias, filiais e escritórios de representação, bem como cada uma das outras entidades da Indosuez Wealth Management, são designadas individualmente por "Entidades" e coletivamente por "Entidades".

As Entidades ou seus respectivos acionistas, bem como seus próprios acionistas, subsidiárias e, mais geralmente, as empresas do grupo Crédit Agricole SA ("Grupo") e, respectivamente, seus diretores, gestores seniores ou funcionários podem, individualmente ou em nome e representação de terceiros, realizar transações com os instrumentos financeiros descritos na brochura, deter outros instrumentos financeiros em relação ao emissor ou ao fiador desses instrumentos financeiros, ou prestar ou procurar prestar serviços de valores mobiliários, serviços financeiros ou qualquer outro tipo de serviço para ou dessas Entidades. Quando uma Entidade e/ou uma entidade do Grupo Crédit Agricole atua como consultor e/ou gestor de investimentos, administrador, distribuidor ou agente de colocação para determinados produtos ou serviços mencionados na brochura, ou realiza outros serviços em que uma Entidade ou o Grupo Crédit Agricole detém ou pode deter um interesse, direto ou indireto, sua Entidade dará sempre prioridade ao interesse do investidor.

Alguns investimentos, produtos e serviços, incluindo a custódia, podem estar sujeitos a restrições legais e regulamentares, ou podem não estar disponíveis em todo o mundo de forma irrestrita, tendo em conta a lei de seu país de origem ou país de residência, ou de qualquer outro país com o qual possa ter laços. Em especial, os produtos ou serviços apresentados na brochura não se destinam a residentes dos EUA e do Canadá. Os produtos ou serviços podem ser fornecidos pelas Entidades de acordo com seus preços e condições contratuais, em conformidade com as leis e regulamentos aplicáveis, e sujeitos a suas respectivas licenças. Podem ser modificados ou retirados a qualquer momento sem qualquer notificação.

Entre em contato com seu gerente de relacionamento para mais informações.

De acordo com os regulamentos aplicáveis, cada Entidade disponibiliza a brochura:

- **Na França:** a brochura é distribuída por CA Indosuez, uma sociedade anônima de responsabilidade limitada sob a lei francesa, com um capital social de 853.571.130 euros, empresa-mãe do grupo Indosuez e uma instituição bancária de serviços completos autorizada a fornecer serviços de investimento e corretagem de seguros, cuja sede está localizada em 17, rue du Docteur Lancereaux, 75008 Paris, França, registrada no Registro Comercial e de Empresas de Paris sob o número 572 171 635 (número de identificação individual de IVA: FR 075 72 17 16 35).
- **No Luxemburgo:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sociedade anônima de direito luxemburguês, com sede social em 2520 allée Scheffer L-986 Luxemburgo, inscrita no Registro Comercial sob o número B91.986 e que possui a condição de entidade de crédito autorizada estabelecida no Luxemburgo e supervisionada pela Comissão de Supervisão do Setor Financeiro (CSSF).

- **Em Espanha:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe) Sucursal em Espanha, supervisionada pelo Banco de Espanha (www.bde.es) e pela Comissão Nacional do Mercado de Valores (CNMV, www.cnmv.es), uma sucursal da CA Indosuez Wealth (Europe). Morada: Paseo de la Castellana número 1, 28046 Madrid (Espanha), registrada no Banco de Espanha com o número 1545. Inscrita no Registro Comercial de Madrid com o número T 30.176, F 1, S 8, H M-543170, NIF.
- **Na Itália:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sucursal da Itália com sede em Piazza Cavour 2, Milão, Itália, registrada no Register of Banks no. 8097, código tributário e número de registro no Registro de Empresas de Milão, Monza Brianza e Lodi n. 97902220157.
- **Em Portugal:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe), Sucursal em Portugal, situada na Avenida da Liberdade 190, 2.º B - 1250-147 Lisboa, Portugal, inscrita no Banco de Portugal sob o número 282, número fiscal 980814227.
- **Na Bélgica:** a brochura é distribuída pelo Banque Degroof Petercam SA, localizado na rue de l'Industrie 44, 1040 Bruxelas, Bélgica, registrado no Registro Comercial sob o número 0403 212 172, registrado na Banque-Carrefour des Entreprises (base de dados de empresas belgas) sob o número de IVA BE 0403 212 172 (RPM Bruxelas).
- **Na União Europeia:** a brochura pode ser distribuída pelas Entidades da Indosuez Wealth Management autorizadas a fazê-lo ao abrigo da Prestação Gratuita de Serviços.
- **No Mônaco:** a brochura é distribuída por CFM Indosuez Wealth, 11, Boulevard Albert 1er - 98000 Mônaco, registrada no Registro de Indústria e Comércio de Mônaco sob o número 56S00341, acreditação: CE/2012-08.
- **Na Suíça:** a brochura é distribuída por CA Indosuez (Switzerland) SA, Quai Général-Guisan 4, 1204 Genebra, e pela CA Indosuez Finanziaria SA, Via F. Pelli 3, 6900 Lugano, bem como por suas respectivas sucursais e/ou agências suíças. A brochura é material de marketing e não constitui o produto de uma análise financeira, nos termos das diretivas da Associação Suíça de Banqueiros (ASB) relativa à independência da análise financeira, tal como concebida pela lei suíça. Consequentemente, essas diretivas não são aplicáveis à brochura.
- **Em Hong Kong Região administrativa especial:** a brochura é distribuída pela filial de Hong Kong da CA Indosuez (Switzerland) SA, Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway - Hong Kong. Nenhuma das informações contidas na brochura constitui uma recomendação de investimento. A brochura não foi encaminhada à Comissão de Valores Mobiliários e Futuros (SFC) ou a qualquer outra autoridade reguladora em Hong Kong. A brochura e os produtos mencionados não foram autorizados pela SFC nos termos das Seções 103, 104, 104A ou 105 da Lei de Valores Mobiliários e Futuros (Cap. 571) (SFO).
- **Em Singapura:** a brochura é distribuída pela filial de Singapura do CA Indosuez (Switzerland) SA, 2 Central Boulevard, West Tower #12-02, IOI Central Boulevard Towers, 018916 Singapour. Em Singapura, a brochura destina-se apenas a investidores credenciados, investidores institucionais ou investidores especializados, conforme definido pela Lei de Valores Mobiliários e Futuros 2001, de Singapura. Para quaisquer perguntas relativas à brochura, os destinatários em Singapura podem entrar em contato com a filial de Singapura da CA Indosuez (Switzerland) SA.
- **No DIFC:** a distribuição da brochura é feita por CA Indosuez (Switzerland) SA, DIFC Branch, Al Fattan Currency House, Tower 2 - Level 23 Unit 4 DIFC PO Box 507232 Dubai - EAU, uma empresa regulamentada pela Autoridade de Serviços Financeiros de Dubai ("DFSA"). Esta brochura é voltada somente a clientes profissionais e/ou contrapartes de mercado e nenhuma outra pessoa deve agir com base nesse documento. Os produtos ou serviços financeiros aos quais esta publicação se relaciona somente estarão disponíveis a clientes que cumprirem com os requisitos de cliente profissional e/ou contraparte de mercado segundo a DFSA. Esta brochura é fornecida somente para fins informativos. Ela não deve ser interpretada como uma oferta de compra ou venda ou solicitação de uma oferta para compra ou venda de quaisquer instrumentos financeiros ou para participação de qualquer estratégia de negociação específica em qualquer jurisdição.
- **Nos EAU:** a brochura é distribuída pelo escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA, Abu Dhabi, Zayed - The 1st Street - Nayel & Bin Harmal Tower, 5th Floor office 504, P.O. Box 44836 Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos. A CA Indosuez (Switzerland) SA opera nos Emirados Árabes Unidos (EAU) através do seu escritório de representação, que está sob a autoridade de supervisão do Banco Central dos EAU. De acordo com as regras e regulamentos aplicáveis nos EAU, o escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA não pode exercer nenhuma atividade bancária. O escritório de representação só pode comercializar e promover atividades e produtos da CA Indosuez (Switzerland) SA. A brochura não constitui uma oferta a pessoa determinada ou ao público em geral, nem um convite para apresentar uma oferta. É distribuído em uma base privada, e não foi revisado ou aprovado pelo Banco Central dos EAU ou outra autoridade reguladora dos EAU.
- **Outros países:** as leis e regulamentos de outros países também podem limitar a distribuição desta brochura. As pessoas em posse desta brochura devem informar-se sobre quaisquer restrições legais e respeitá-las.

A brochura não pode ser fotocopiada, reproduzida ou distribuída, no todo ou em parte, seja de que forma for, sem o acordo prévio do seu Banco.

© 2026, CA Indosuez (Switzerland) SA/todos os direitos reservados.

Fotos: AdobeStock.

Editado a 24.07.2026.

Presença internacional

A NOSSA HISTÓRIA

Indosuez Wealth Management é a marca internacional de Gestão de Fortuna do grupo Crédit Agricole, o 10º maior banco do mundo em termos de balanço (The Banker 2025).

Há mais de 150 anos, o Indosuez Wealth Management acompanha grandes clientes privados, famílias, empreendedores e investidores profissionais na gestão do seu patrimônio privado e profissional. O banco oferece uma abordagem personalizada, que permite a cada um dos seus clientes preservar e desenvolver o seu patrimônio de acordo com as suas aspirações. Suas equipes oferecem um continuum de serviços e ofertas que integram Consultoria, Financiamento, Soluções de Investimento, *Fund servicing*, Soluções tecnológicas e bancárias.

O Indosuez Wealth Management conta com mais de 4.300 colaboradores em 15 territórios ao redor do mundo: na Europa (Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal, Mônaco e Suíça), na Ásia-Pacífico (Hong Kong RAE, Nova Caledônia e Singapura) e no Oriente Médio (Abu Dhabi, Dubai).

Com 215 trilhões de euros em ativos de clientes até o final de dezembro de 2024, o Indosuez Wealth Management está entre os líderes europeus em gestão de patrimônio.

Mais informações em <https://ca-indosuez.com/>



INDOSUEZ WEALTH MANAGEMENT

O Indosuez Wealth Management conta com uma herança excepcionalmente rica, baseada em relacionamentos de longo prazo, experiência financeira e na nossa rede financeira internacional:

Ásia Pacífico

HONG KONG RAE

Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway
Hong Kong
T. +852 37 63 68 68

NOUMÉA

Le Commodore - Promenade Roger Laroque,
Anse Vata
98800 Nouméa - Nova Caledônia
T. +687 27 88 38

SINGAPURA

2 Central Boulevard, West Tower #12-02,
IOI Central Boulevard Towers,
018916 Singapura
T. +65 64 23 03 25

Europa

BRUXELAS

Rue de l'Industrie 44
1000 Bruxelas - Bélgica
T. +32 2 287 91 11

GENEVBRA

Quai Général-Guisan 4
1204 Genebra - Suíça
T. +41 58 321 90 00

LISBOA

Avenida da Liberdade, n.º190, 2ºB
1250 - 147 Lisboa - Portugal
T. +351 211 255 360

LUXEMBURGO

39, Allée Scheffer
L-2520 Luxemburgo
T. +352 24 67 1

MADRI

Paseo de la Castellana 1
28046 Madri - Espanha
T. +34 91 310 99 10

MILÃO

Piazza Cavour 2
20121 Milão - Itália
T. +39 02 722 061

MÔNACO

11, Boulevard Albert 1º
98000 Mônaco
T. +377 93 10 20 00

PARIS

17, Rue du Docteur Lancereaux
75008 Paris - França
T. +33 1 40 75 62 62

Oriente Médio

ABU DHABI

Zayed - The 1st Street -
Nayel & Bin Harmal Tower,
5th Floor office 504
PO Box 44836 Abu Dhabi
T. +971 2 631 24 00

DIFC

Al Fattan Currency House, Tower 2
Level 23 Unit 4 DIFC
PO Box 507232 Dubai
T. +971 4 350 60 00

